



VII ENLIJE

MEDIAR A LEITURA DE NARRATIVAS POR IMAGENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA PROPOSTA COM “AS AVENTURAS DE BAMBOLINA”

Mara Lúcia Santos Fonsêca

Fabíola Cordeiro de Vasconcelos

Universidade Federal de Campina Grande

maravvsf@gmail.com

fabiolacordeiro@uol.com.br

Resumo:

A Educação Infantil é fase propícia ao fomento da formação leitora da criança, o que pode ocorrer pelo acesso a obras literárias infantis e pela intervenção de um mediador cultural. Há, por isso, necessidade das instituições de Educação Infantil desenvolverem práticas pedagógicas voltadas a essa finalidade, pois o envolvimento da criança com a literatura, além de contribuir para a apropriação de um bem cultural relevante (o livro), favorece a apropriação de uma prática social significativa (a leitura literária). Entre as obras literárias infantis, destacam-se as narrativas por imagens, aquelas que dispensam as palavras e cujas imagens, em relação, constituem um todo significativo que possibilita diversas interpretações, exigindo do leitor capacidades para atribuir sentidos ao texto visual e estabelecer relações lógicas entre as imagens. É indispensável, na leitura dessas obras, a participação de um mediador capaz de auxiliar as crianças na atribuição de sentidos aos textos imagéticos e literários, fomentando a aquisição de estratégias leitoras e de capacidades para ler competentemente a visualidade. Com base nos estudos de Mello (2016); Burlamaque, Martins e Araújo (2011); Paiva e Ramos (2016); Ramos (2011); Souza, Neto e Giroto (2016), entre outros, o trabalho intenta, a partir de uma análise da narrativa visual “As aventuras de Bambolina: uma história sem palavras”, de Michele Iacocca, apresentar uma proposta de leitura dessa obra para uma turma de pré-escola, sugerindo intervenções que, ao explorarem a riqueza visual da narrativa, seus ditos e não-ditos, possibilitem fomentar a formação da competência leitora das crianças desde o início da escolaridade.

Palavras-chave: narrativa visual, leitura, Educação Infantil.

Introdução

Por diferentes e justificados motivos, é relevante que as crianças, desde a Educação Infantil, vivenciem a leitura de obras literárias dos mais variados gêneros, aqui destacando-se as narrativas por imagens, aquelas expressas apenas ou predominantemente através das ilustrações.

Considerando-se que crianças menores se encantam e atraem pela visualidade e, por isso, nela têm o primeiro aporte em sua entrada no universo literário, é importante, desde cedo, investir na abordagem de obras que tenham como destaque as ilustrações. Essa característica, além de interessar às crianças, precisa ser tomada como fator capaz de favorecer a sua formação leitora, capacitando-as a, progressivamente, melhor observarem aspectos das imagens e, em decorrência, a se tornarem leitoras competentes da visualidade e da literatura em geral.

Na leitura de narrativas por imagens na Educação Infantil, a intervenção do professor é aspecto fundamental, uma vez que as crianças precisam ser orientadas e auxiliadas a construir sentidos a partir



(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br



das imagens e que é através dos caminhos apontados pelo leitor mais experiente que elas poderão se apropriar, ativamente, dessa relevante atividade cultural. Portanto, em sua atuação na leitura de narrativas visuais junto às crianças, cabe a esse mediador intervir com perguntas e colocações que ajudem os pequenos leitores a atribuir sentidos aos textos visuais, ativando conhecimentos prévios, elaborando hipóteses e conclusões, inferindo, antecipando, estabelecendo associações e relações sequenciais e de decorrência, enfim, lendo estrategicamente.

Neste artigo, tomando como pressupostos a necessidade da leitura de narrativas por imagens com as crianças da Educação Infantil e a relevância das intervenções do professor mediador para que elas aprendam a, ativamente, construir sentidos com base no texto imagético e em suas peculiaridades, objetivamos discutir o fomento da formação de capacidades leitoras nas crianças desde a Educação Infantil, através da abordagem de obras literárias compostas apenas por imagens. Para tanto, iniciamos tratando do papel da Educação Infantil e da inserção do trabalho com as múltiplas linguagens nesse âmbito, destacando a linguagem literária e refletindo sobre as características das narrativas por imagens, ressaltando sua importância para a formação das crianças como leitoras da visualidade e da literatura. Na sequência, abordamos a mediação da leitura de tais narrativas junto às crianças, dando relevo ao papel do professor-mediador, agente central à exploração das imagens e de seus detalhes, e à elaboração de intervenções e perguntas que auxiliem a construção da compreensão pelas crianças e a aprendizagem de relevantes estratégias leitoras. Para exemplificar o discutido nos itens iniciais, posteriormente apresentamos uma proposta de leitura da narrativa “As aventuras de Bambolina”, de Michele Iacocca, tecendo sugestões para a exploração de elementos da visualidade da obra e para o favorecimento de sua compreensão através de questões que permitam às crianças inferir, antecipar e concluir.

Leitura e leitura literária na Educação Infantil: as narrativas por imagens e o início da formação de leitores estratégicos

A Educação Infantil é fase privilegiada ao desenvolvimento da criança nos aspectos afetivos, emocionais, sociais, cognitivos e motores, por meio das mais diferentes linguagens. Dentre estas, destaca-se a literária, presente nas boas obras da literatura infantil e no patrimônio literário deixado por gerações passadas, por entender que esta apresenta uma função humanizadora de extrema relevância para a formação integral da personalidade infantil, haja vista que, por meio dela, a criança se apropria tanto da realidade concreta, como da fantasia (SOUZA e BORTOLANZA, 2012).





VII ENLIJE

Nessa perspectiva, as instituições de Educação Infantil têm a grande responsabilidade de atuar com práticas pedagógicas que garantam espaço para a literatura infantil, pois, como bem nos dizem Girotto e Souza (2016), é no espaço da escola

... que deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo e nele privilegiados os estudos literários, pois, de maneira mais abrangente do que quaisquer outros, estimulam o exercício da mente, a percepção do real em suas múltiplas significações, a consciência do eu em relação ao outro, a leitura de mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamizam o estudo e conhecimento da língua, da expressão verbal significativa e consciente – indispensável para a plena realidade do ser. (GIROTTTO e SOUZA, 2016, p. 31)

Assim sendo, as atividades de leitura na Educação Infantil devem privilegiar diversos gêneros textuais, com atividades lúdicas, significativas, que envolvam o ler, contar, ouvir histórias, bem como o contato direto com o objeto livro desde a mais tenra idade. A literatura deve estar presente na vida da criança com uma intencionalidade, para que as situações de contato com ela criem outras necessidades de ler, de conhecer e de prazer (SILVA e ARENA, 2012).

A leitura é concebida hoje como um processo que extrapola a simples decifração e oralização de sinais gráficos, envolvendo a compreensão e a produção de sentidos, numa perspectiva dialógica. É vista, pois, como uma prática muito relevante à participação na cultura escrita e ao pleno pertencimento e atuação sociais, portanto, requerendo uma atuação muito efetiva do sujeito leitor. Este, para dar conta da compreensão textual, age sobre o texto e, por intermédio dele, interage com o autor, para isso realizando uma série de procedimentos mentais – as estratégias de leitura – que possibilitam, no decorrer da leitura, concluir, resolver problemas, prever, hipotetizar, decidir, destacar elementos de maior importância, visualizar o que o texto descreve, entre outras ações (SOUZA, NETO e GIROTTTO, 2016).

Silva e Arena (2012), ao refletirem sobre a formação de leitores no âmbito escolar, defendem a necessidade da presença da literatura nesse cenário, desde a Educação Infantil, como caminho favorecedor dessa formação. Apontam que a educação literária e o gosto pela leitura e pela literatura decorrem de necessidades criadas no contato das crianças com leitores mais experientes e com situações em que a leitura ocorra de forma significativa. Assim, defendem caber à escola a tarefa de iniciar os alunos nos protocolos, critérios e valores da leitura, e de propiciar o contato com os diferentes gêneros discursivos – inclusive o literário – para que possam se apropriar deles e se constituir gradativamente como leitores e como leitores literários.

Nessa perspectiva, reforçam que a formação do gosto literário desde a pequena infância ocorra





através das vivências e relações da criança com a literatura infantil, em situações de leitura literária que a desafiem a pensar sobre os textos, desenvolvendo um comportamento ativo, inteligente e estratégico de construção de significados a partir das linguagens escrita e de imagens.

Dentro do rico universo narrativo que compõe a literatura infantil e das múltiplas formas que a caracterizam, vêm ganhando relevo as narrativas por imagens. Nestas, como caracterizado por Fittipaldi (2008), embora a imagem seja a condutora principal da narrativa, o funcionamento textual ocorre a partir de uma ferramenta verbal, semelhante a um roteiro, que organiza as sequências de ideias imagéticas, tornando possíveis várias leituras e compreensões, demandando uma participação muito ativa do leitor na construção dos sentidos.

Acerca da relevância das imagens nos textos literários infantis, Paiva e Ramos (2016) enfatizam seu significativo valor representacional, simbólico e enunciativo, além de sua riqueza e possibilidades de extrapolação do óbvio, uma vez que são registros abertos a traduções e acréscimos.

As imagens das narrativas visuais, quando ricas, atrativas e significativas, estimulam a imaginação e a criatividade do leitor, possibilitando-lhe uma experiência leitora prazerosa e enriquecedora (BIAZETTO, 2008) fundamentada nas capacidades para observar, relacionar e inferir, o que requer a ampliação progressiva das possibilidades de dar sentido à visualidade.

A leitura de narrativas com essa característica, junto às crianças na Educação Infantil, mostra-se, portanto, como caminho relevante ao início da sua formação leitora e da aprendizagem do uso das estratégias de leitura. Debruçando-se ativamente sobre as imagens, refletindo sobre elas, suas relações e os implícitos que carregam, as crianças são auxiliadas, através da intervenção do mediador da leitura, a usar estratégias de leitura que as levem a fazer conexões, antecipações, inferências e conclusões, desse modo atribuindo sentido ao que leem e se constituindo enquanto leitoras autônomas.

Mediação da leitura literária na Educação Infantil

Na Educação Infantil, a leitura de obras literárias com as crianças, orientada pelo professor, é atividade muito profícua por distintas razões. Além de aproximar os pequenos do universo literário, familiarizando-os com suas peculiaridades, favorece a realização de ricas interações focadas no objeto cultural livro e nas possibilidades de fruição do seu conteúdo, principalmente fomentando vivências de leitura capazes de constituir as capacidades e atitudes características de um sujeito leitor.

Nesse processo, a intervenção do mediador da leitura, sujeito culturalmente mais experiente,





VII ENLIJE

é crucial. Interpondo-se entre a criança e as características da cultura, aqui representadas mais especificamente pela prática leitora e pela literatura, cabe-lhe promover situações de intercâmbio que favoreçam a internalização progressiva da cultura pelos pequenos. O papel fundamental do professor é ressaltado por Mello (2016), para quem esse mediador “é o responsável por criar nas crianças a leitura como necessidade humanizadora e desenvolvvente” (MELLO, 2016, p. 47), compreensão que requer superar a visão da leitura como prática de oralização e entendê-la como processo dialógico, de busca de uma relação com a expressão de ideias e sentimentos concretizada nos textos.

É, pois, por intermédio das interações das crianças com sujeitos de maior experiência que elas aprendem o uso social dos objetos relevantes e necessários às práticas valorizadas por seu grupo cultural. Embora as qualidades humanas desenvolvidas historicamente estejam postas no livro de literatura infantil, é necessário aprender a realizar com ele o gesto adequado, isto é, apropriar-se ativamente das características de seu uso, aprendizagem que é social, uma vez que se dá no âmbito de práticas coletivas em que aquele que conhece o uso social para o qual o objeto foi criado e é utilizado, ensina-o, intencionalmente ou não, a outro (LEONTIEV, 1978 apud MELLO, 2016).

Compartilhar a leitura de obras literárias com as crianças na Educação Infantil, nessa perspectiva, implica uma intervenção muito efetiva desse mediador que se constitui como significativo modelo de leitor e que, com suas atitudes – questionando; destacando aspectos dos livros; atentando para elementos não imediatamente perceptíveis neles; fomentando expectativas; incentivando inferências e antecipações; favorecendo compreensões e conclusões – pode impulsionar a formação leitora e promover a apropriação ativa da cultura pelas crianças.

No caso específico da leitura de livros por imagens, suas intervenções precisam direcionar-se a auxiliar as crianças a, de modo adequado, atribuírem sentidos ao texto imagético, estabelecendo relações lógicas entre as cenas e preenchendo os espaços textuais através de processos cognitivos como a construção de inferências e a associação. Para tanto, destaca-se a realização, pelo professor, de questionamentos que, fundamentados no conteúdo do livro – aqui referente à dimensão visual –, incrementem as capacidades das crianças para compreendê-lo. Desse modo, Paiva e Ramos (2016) salientam caber ao adulto mediador da leitura a orientação e o desafio aos pequenos, objetivando ampliar sua percepção da visualidade e, em consequência, sua formação leitora. Defendem, quanto a isso, a necessidade de que

o mediador perceba as sutilezas de cada projeto gráfico com os quais interage e encontre formas de possibilitar que seu aluno, por meio da mediação intencional, também se aproprie das peculiaridades do título – ambientação, conteúdo enunciativo, estética literária, ganchos lógicos etc. (PAIVA e RAMOS, 2016, p. 215)

(83) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br





Destaca-se, pois, a relevância de, na leitura compartilhada de narrativas por imagens, o professor elaborar questionamentos que auxiliem as crianças a construir sentidos, compreendendo efetivamente o narrado. Suas intervenções devem estar voltadas, por exemplo, ao favorecimento da construção de inferências e antecipações pelos pequenos leitores, auxiliando-os a ler de modo estratégico, acessando os implícitos textuais e preenchendo as lacunas deixadas pelo autor.

Considerando isso, Brandão e Rosa (2016) discordam da ideia de que prazer da leitura e intervenção pedagógica não devam caminhar juntos. Para elas, a compreensão do lido envolve esforço e, por isso, ouvir histórias desde cedo e aprender a atribuir-lhes sentidos é muito importante, uma vez que se pode constituir como prática potencialmente mobilizadora e inquietante, capaz de fomentar o desenvolvimento de diversos fatores nas crianças, incluindo a formação de capacidades leitoras. Nesse sentido, compartilhamos o pensamento das autoras, acreditando ser necessário que, desde a Educação Infantil, a prática de leitura de textos literários seja permeada por conversas sobre o lido, nas quais a mediação de um leitor mais experiente é fundamental.

Com compreensão semelhante, Silva e Arena (2012) defendem que o professor medeia a formação do leitor literário quando planeja situações de leitura em que a criança entra em contato com o texto literário e com suas peculiaridades estéticas, linguísticas e artísticas, de modo que seja ensinado a dialogar com os textos e a produzir sentidos. Assim, ao planejar situações de leitura, o mediador deve se pautar em questionamentos que levem as crianças a exercitarem a reflexão, pois

Perguntas são o coração do ensino aprendizagem. [...] abrem as portas para o entendimento. Questionar é a estratégia que lança os leitores adiante. Quando leitores têm perguntas, são menos capazes de abandonar o texto. Leitores proficientes fazem perguntas antes, durante e depois que leem. Eles perguntam sobre o conteúdo, o autor, as situações, os problemas e as ideias do texto. Nós precisamos comemorar as perguntas das crianças e ajudar a facilitar suas respostas. (HARVEY e GOUDVIS 2008 *apud* GIROTTO e SOUZA, 2016, p. 56).

Nesse sentido, o mediador de leitura desempenha uma função indispensável na leitura compartilhada com as crianças. Deve estar atento aos questionamentos a serem feitos às crianças, prezando por perguntas pertinentes para facilitar a compreensão a respeito do texto lido. Para isso, há a extrema necessidade de planejar com cuidado as aulas de leitura, se tem por objetivo a formação de leitores competentes e autônomos. Com isso, defendemos o que aponta Mello (2016, p. 54), quando afirma que “a educação literária na infância prepara – no melhor sentido – o adulto leitor, que lê não apenas porque sabe que é bom, mas porque é capaz, ao ler, de compreender melhor a si mesmo, aos





outros, ao mundo em que vivemos e de se lançar em muitos outros”.

Na sequência, apresentaremos uma proposta com a leitura de uma narrativa por imagens.

Proposta de abordagem da leitura de uma narrativa visual na Educação Infantil

As aventuras de Bambolina, de autoria de Michele Iacocca, é uma narrativa por imagens composta por trinta páginas e publicada pela editora Ática, em 2006. Narra acontecimentos que envolvem a trajetória da boneca de pano Bambolina, desde ter sido desprezada inicialmente por seu dono, fato a partir do qual vive múltiplas aventuras, passando por diferentes donos e novas situações de abandono, até definitivamente encontrar seu lugar num teatro de bonecos.

A leitura compartilhada da obra com as crianças deve começar pela exploração da capa, a qual já traz interessantes indícios a respeito do conteúdo da história. Cabe, por isso, a partir da ilustração e do título, realizar indagações aos pequenos leitores a respeito, por exemplo, de quem acham ser Bambolina, das características da escrita do nome da personagem (montado com retalhos) e da relação disso com as características da figura retratada na imagem (uma boneca de pano que parece estar observando o público através da fresta de uma cortina vermelha). A respeito do título, pode-se auxiliar as crianças a construírem antecipações sobre o que será encontrado no interior do livro, a partir da construção de ideias sobre quais serão as aventuras dessa boneca.

A exploração da capa é um aspecto importante, pois motiva as crianças para a leitura, além de possibilitar a ativação de conhecimentos prévios (sobre bonecas de pano, por exemplo) e a construção de hipóteses sobre o conteúdo do livro. Essas estratégias são fundamentais porque auxiliam as crianças a pensarem sobre o que será lido e desejarem conhecer o que lhes será apresentado.

Na leitura das páginas internas, é fundamental a orientação do mediador para que as crianças observem as imagens com atenção, focalizando seus detalhes e a sequenciação dos fatos narrados. Assim, nas páginas iniciais, onde se veem diferentes cenas que mostram uma criança que inicialmente brinca feliz com Bambolina, mas que, ao ganhar de presente uma nova boneca, arrumada e capaz de andar e falar, despreza a primeira, inclusive debochando dela, cabe ao mediador da leitura orientar a construção dessa compreensão lançando perguntas que ajudem os pequenos a inferirem que a criança se encanta com o presente ganho e não quer mais Bambolina porque ela é mais feia, desengonçada e não sabe fazer as coisas que a outra boneca faz. Nesse sentido, perguntar, por exemplo, o que acontece ao longo da sequência de cenas, como a criança se sentiu ao ganhar o presente e por que ela debochou da boneca com quem estava brincando, auxilia os pequenos leitores a construírem a compreensão de





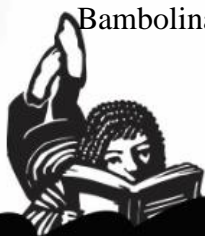
que Bambolina foi abandonada, fato constatado pelas imagens seguintes, que mostram a boneca sendo atirada pela janela e, depois, pendurada na grade do muro.

A sequência de cenas mostra a criança inicialmente entusiasmada com o novo brinquedo, mas progressivamente esmaecendo esse entusiasmo e se arrependendo pelo abandono de Bambolina. Aqui, a interferência do leitor mais experiente deve ressaltar as características das imagens, focalizando as expressões facial e corporal da criança que brinca e que se mostra saudosa do antigo brinquedo, ajudando os pequenos leitores a inferir que ela descobre que a nova boneca não tem tanta graça quanto Bambolina. A partir dessa inferência, é possível auxiliar a elaboração de hipóteses sobre a continuidade da narrativa, com perguntas como: e agora, o que será que a criança vai fazer?

A imagem posterior confirma a hipótese de que ela irá buscar Bambolina no jardim, onde a jogou, mas revela que ela não está mais lá, o que é demonstrado com tracinhos sobre a grade, no lugar onde antes a boneca estivera, e pelo balão de pensamento que denota que a criança sente a falta de Bambolina. Tais fatos permitem incentivar, mais uma vez, a construção de hipóteses sobre o que virá a seguir. Nesse sentido, fazer indagações como “para onde Bambolina foi?”, “será que alguém a levou?”, “quem?”, entre outras, auxiliam essa construção.

As hipóteses das crianças podem ser confirmadas ou não pela imagem subsequente, que mostra Bambolina sendo levada por um mendigo, o que é depreendido pelas características do traje do personagem. Este, observando bem a boneca e, em seguida, com o dedo indicador em riste e expressão sorridente, tem uma ideia do que fazer com a boneca, o que deve ser ressaltado pelo leitor mais experiente, a quem também cabe favorecer a construção de hipóteses sobre a continuação da história, perguntando: “que ideia ele teve?”, “o que será que vai fazer com Bambolina?”.

A construção inferencial deve ser favorecida ao longo de toda a leitura da narrativa, uma vez que nela há muitos aspectos não explícitos que precisam ser deduzidos pelo leitor. Dessa forma, as crianças precisam ser instruídas pelo mediador a, observando aspectos das imagens, ativar conhecimentos anteriores e relacioná-los com as pistas textuais, a fim de preencher os espaços propositalmente deixados pelo autor. Na sequência da narrativa, as intervenções da mediação devem, a partir de questionamentos sobre o texto, favorecer a produção das inferências de que o espetáculo de rua que o mendigo cria, dançando com Bambolina, atrai muito público e rende bastante dinheiro porque agrada. Também de que o mendigo, tendo obtido muito dinheiro, vai à loja de noivas e compra um manequim e roupa de gala para si, com o objetivo de melhorar o espetáculo, tornando-o mais atrativo para o público. Além disso, que, encantado com a nova aquisição, o mendigo despreza Bambolina, que é abandonada pela segunda vez, chutada sobre o galho de uma árvore.





VII ENLIJE

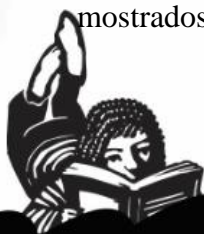
Na sequência, a partir da observação criteriosa das imagens, cabe auxiliar os pequenos a constatarem que o espetáculo com o manequim não faz o mesmo sucesso de quando era feito com Bambolina, uma vez que há poucas pessoas assistindo e que, em decorrência, as moedas jogadas por elas são poucas. Novamente, cabe favorecer a elaboração de antecipações pelas crianças, dirigindo-lhes perguntas como: “o que acham que vai acontecer?”, “por quê?”.

Essa segunda sequência termina como a primeira, com Bambolina não estando mais no lugar onde foi abandonada, quando procurada após o arrependimento de quem a desprezou, o que novamente dá margem à elaboração de hipóteses sobre quem a pegou. A boneca agora é levada por um menino, que a presenteia a uma menina, a qual recebe o presente com muita felicidade, o que é visto em seu largo sorriso e na expressão de contentamento. Isso é reforçado na imagem seguinte, que revela serem as crianças moradoras da rua, uma vez que, à noite, dormem sob um viaduto e a menina descansa alegre, abraçada à boneca. Tal tranquilidade é rompida pela chegada de um carro da polícia – o uso da onomatopeia que indica a sirene ligada demonstra isso –, o que leva as crianças a fugirem. Aqui, cabe perguntar aos pequenos por que elas saíram correndo, deixando Bambolina para trás. A sequência se encerra com a volta das crianças ao local, depois que a polícia vai embora, visando a buscar a boneca, mas não mais a encontrando, fato que, mais uma vez, possibilita ao mediador da leitura auxiliar as crianças a elaborar hipóteses sobre o paradeiro de Bambolina.

As imagens seguintes revelam que a boneca foi levada pelo soldado à delegacia, mostrando-a ao delegado e relatando o acontecido. Desconfiado e bravo, como é possível observar na imagem em que aponta para a boneca e, com expressão zangada, interroga-se sobre ela, o chefe ordena que o soldado a corte na barriga para verificarem o que há dentro dela. Nesse ponto da narrativa, as crianças podem ser ajudadas a pensar sobre os porquês dessa atitude dos policiais: “por que eles cortaram a barriga de Bambolina?”, “procuravam alguma coisa?”, “o quê?”.

A partir da constatação de que os policiais não acharam nada de esquisito dentro da boneca, abre-se espaço para uma nova elaboração de hipóteses acerca da continuidade da história, referentes ao que vai ser feito com Bambolina, considerando-se que na imagem final da sequência o soldado estende os braços para cima, como a reforçar que não havia nada de errado com a boneca, e o delegado indica, com o braço apontando para fora do espaço da delegacia, o destino a ser dado a Bambolina.

No início da próxima sequência, vê-se a imagem da boneca sendo jogada numa área periférica, o que permite depreender que o delegado ordenou que o soldado se livrasse dela, o que ele fez atirando-a numa estrada de terra longe do centro da cidade, pois os prédios e construções são mostrados distantes. A partir daqui, é importante ressaltar a ideia de passagem do tempo, denotada





VII ENLIJE

por mudanças no céu, pelo desgaste da boneca e pelo crescimento das plantas que a cercam em seu abandono. Para tanto, cabe ao mediador direcionar a atenção das crianças para os detalhes das imagens, especialmente para o aparecimento de um caminhão de lixo, o qual terá grande relevância na continuidade da narrativa. Possibilitar a elas fazerem antecipações é importante nesse ponto, para que associem a chegada do caminhão ao recolhimento de objetos descartados pelas pessoas, o que é o caso de Bambolina. A hipótese mais provável é a de que ela será recolhida, o que não se confirma nas imagens que apresentam o lixeiro surpreso com o que encontra, espanando a poeira e a terra que cobrem a boneca, e se encantando com ela. Cabe, aqui, atentar para as expressões facial e corporal do personagem e para os elementos gráficos que, nas imagens, denotam poeira e movimento.

É relevante a elaboração de hipóteses sobre o que será feito com a boneca, já que o lixeiro não a joga no caminhão, mas a coloca sentada ao seu lado e dirige satisfeito para algum lugar. As pistas das imagens permitem depreender que ele tem planos para a boneca e a leva para alguém. Hipóteses sobre para quem ele a leva podem ser levantadas nesse ponto da leitura.

Mais tarde, as imagens permitem descobrir que a boneca é levada até um senhor que aparece à porta vestido com um jaleco branco, portando, nos bolsos, objetos como tesoura, agulha, linha e fita métrica, pistas que favorecem a interpretação de que é alguém que trabalha com consertos e costura, e a inferência de que Bambolina foi levada para ser restaurada. Cabe, portanto, fazer às crianças questões como: “quem é esse senhor?”, “por que o lixeiro entregou Bambolina a ele?”, a fim de favorecer a construção de deduções e antecipações que permitam aos pequenos leitores compreender a nova aventura de Bambolina. A imagem seguinte, que mostra o senhor trabalhando em seu ateliê repleto de bonecos de pano, permite constatar que ele trabalha arrumando bonecos e, além disso, inferir que o lixeiro levou Bambolina ao artesão para que a consertasse e desse a ela um destino diferente daquele em que foi encontrada: jogada ao relento, sendo deteriorada pela ação do tempo.

As imagens seguintes mostram que o artesão limpa e arruma a boneca, mostrando-se satisfeito com seu trabalho. Posteriormente, ela é apresentada vestida com inúmeras fantasias, desempenhando diferentes papéis teatrais, sob a observação do senhor que a consertou. Em relação a isso, a intervenção do mediador da leitura é fundamental para ajudar as crianças a refletir sobre os motivos que levam o senhor a ter tantos bonecos e a fantasiar Bambolina como diversos personagens. Auxiliar a compreensão de que ele tem uma companhia de teatro de bonecos e que Bambolina fará parte desta, como atriz, é tarefa do mediador da leitura, a quem compete interpelar os pequenos leitores, auxiliando-os a compreender o lido: “por que Bambolina veste tantas fantasias?”, “onde poderá usá-las?”, “poderá trabalhar em algo em que use essas fantasias?”, “em quê, por exemplo?”.





VII ENLIJE

A imagem final comprova que Bambolina se torna atriz no teatro de bonecos. Detalhes da imagem possibilitam depreender isso: a placa com a inscrição TEATRO, o palco, a personagem-título no centro dele, sendo efusivamente aplaudida por uma plateia de crianças satisfeitas, a cortina vermelha, que retoma e esclarece a imagem da capa do livro, na qual Bambolina mostra-se apenas um pouco, atrás da cortina, parecendo ansiar sua estreia na nova aventura como boneca-atriz.

A história de Bambolina, por todos os aspectos e qualidades destacados, nos mostra o quão importante e necessário é trabalhar com as narrativas por imagens desde a Educação Infantil, dada a riqueza de possibilidades que oferecem para o desenvolvimento das capacidades leitoras das crianças, de modo que elas se engajem efetivamente na leitura e possam, a partir daí, tornarem-se leitoras competentes. Nessa perspectiva, cabe destacar a figura do mediador, leitor mais experiente que, por meio de questionamentos pertinentes, auxilia a criança a atribuir significados ao que lê.

Considerações finais

A formação leitora da criança deve iniciar-se mesmo antes da apropriação do código escrito por ela, através de situações em que aprenda, com o auxílio de um mediador, a fazer uso das diferentes estratégias leitoras, o que pode ser proporcionado na leitura compartilhada de narrativas por imagens.

Essas obras literárias são muito importantes para serem apresentadas às crianças, haja vista que, desde muito cedo, estas estão imersas num cenário repleto de estímulos visuais, cuja linguagem é muito rica, e demonstram enorme interesse por textos imagéticos. Porém, como “o olhar também precisa ser educado” (CADERMARTORI *apud* BURLAMAQUE, MARTINS e ARAÚJO, 2011, p. 77), há uma necessidade premente de ajudar os pequenos leitores a ler com competência as imagens que lhes são apresentadas e perceber os implícitos textuais que elas encerram.

Nessa perspectiva, destaca-se a importância do mediador para a condução da leitura junto às crianças, com intervenções e questionamentos que as ajudem a perceber detalhes das ilustrações e aspectos implícitos, a estabelecer relações entre as cenas, a fazer associações e conclusões, para que, assim, possam construir sentidos e usar várias estratégias de leitura.

A narrativa visual “As aventuras de Bambolina”, como exemplificado, é um livro rico em possibilidades interpretativas e um bom exemplo de obra cuja leitura demanda a participação efetiva de um leitor mais experiente que, ao mesmo tempo em que auxilia a construção da compreensão do que é expresso através das imagens, fomenta a construção progressiva de capacidades leitoras fundamentais à constituição de leitores proficientes.





Referências

- BRANDÃO, A. C. P.; ROSA, E. C. de. Entrando na roda: as histórias na Educação infantil. In: _____ (Org.). **Ler e escrever na Educação Infantil**: discutindo práticas pedagógicas. 2. ed.; 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p. 33-52.
- BIAZETTO, C. As cores na ilustração do livro infantil e juvenil. In: OLIVEIRA, I. de. **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil**: com a palavra o ilustrador. São Paulo: DCL, 2008. p. 75-91.
- BURLAMAQUE, F. V.; MARTINS, K. C. C.; ARAUJO, M. dos S. A leitura do livro de imagem na formação do leitor. In: SOUZA, R. J. de; FEBA, B. L. T. (Org.). **Leitura literária na escola**: reflexões e propostas na perspectiva do letramento. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011. p. 75-95.
- FITTIPALDI, C. O que é uma imagem narrativa? In: OLIVEIRA, I. de. **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil**: com a palavra o ilustrador. São Paulo: DCL, 2008. p. 93-121.
- GIROTTTO, C. G. S.; SOUZA, R. J. de. Estratégias de leitura: para ensinar alunos a compreender o que leem. In: SOUZA, R. J. de (Org.). **Ler e compreender**: estratégias de leitura. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2010. p. 45-114.
- IACocca, Michele. **As aventuras de Bambolina**. São Paulo: Ática, 2006.
- MELLO, S. A. Leitura e literatura na infância. In: GIROTTTO, C. G. S.; SOUZA, R. J. de (org.). **Literatura e educação infantil**: livros, imagens e prática de leitura. v. 1. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2016. p. 39-56.
- PAIVA, A.; RAMOS, F. O não-verbal no livro para criança. In: GIROTTTO, C. G. S.; SOUZA, R. J. de (Org.). **Literatura e educação infantil**: livros, imagens e prática de leitura. v. 1. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2016. p. 193-220.
- SILVA, G. F. da; ARENA, D. B. O pequeno leitor e o processo de mediação de leitura literária. **Álabe**. n. 6, dez. 2012. Disponível em: www.revistaalabe.com. Acesso em: 15 ago. 2018.
- SOUZA, R. J. de; NETO, I. A. M. e GIROTTTO, C. G. S. Caminhos para o ensino da leitura literária na educação infantil. In: GIROTTTO, C. G. S.; SOUZA, R. J. de (Org.). **Literatura e educação infantil**: para ler, contar e encantar. v. 2. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2016. p. 195-215.

